

Um
mundo de
oportunidades

V.5 2026

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

ANDRÉ CARLOS ALVES DE PAULA FILHO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

CLÉBER OLIVEIRA SOARES

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADEIRO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CIBELLE DE ANDRADE SILVA

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Augusto Billi

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Equipe Técnica:

Rodrigo Lopes de Almeida

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Caio César Simão

Luciana Pich Gomes

Juçara Aparecida André Dokonal

Eduardo Magalhães

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Alessandro Fidelis

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Tiago Charão

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Roberto Carlos Papa

Carlos Turchetto

Fernanda Mascarenhas Magalhães

André Okubo

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Luna Lisboa

Frederique Abreu

Andréa Moura

Warley Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Lucas Fiuza

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Marcelo Cláudio Pereira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo

O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro André de Paula e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.



بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ



A ARÁBIA SAUDITA TALVEZ NÃO PRECISE DE MAIS CARNE BRASILEIRA

Posto: Riade/Arábia Saudita

Palavras-chave: Carne Bovina; Arábia Saudita; Exportações.

Responsável: Caio César Simão, Adido Agrícola

SUMÁRIO:

A expansão da hotelaria, do turismo e do entretenimento vinculados ao Vision 2030 vem transformando o consumo de carne bovina na Arábia Saudita, especialmente nos segmentos de maior valor agregado. O mercado saudita apresenta forte segmentação entre percepção de marca, canais de consumo e faixas de preço, com Austrália e Nova Zelândia posicionadas nos nichos premium, enquanto Índia e Paquistão atendem segmentos mais sensíveis a custo e proximidade cultural. O Brasil ocupa posição distinta, baseada em elevada capacidade de fornecimento, competitividade comercial e ampla presença no mercado saudita. Ao mesmo tempo, tensões logísticas no Golfo e as restrições chinesas às importações de carne bovina podem reorganizar os fluxos globais de comércio ao longo do segundo semestre de 2026. Nesse cenário, a oportunidade está na capacidade de fortalecer a percepção da carne bovina brasileira em segmentos de maior valor, criando espaço para estratégias de diferenciação e valorização da marca “Brazilian Beef” no mercado saudita.

O crescimento da hospitalidade e do consumo impulsiona o mercado saudita de carne bovina

A Arábia Saudita atravessa um acelerado ciclo de transformação econômica vinculado ao plano Vision 2030. Parte significativa dos investimentos em curso no Reino prioriza o desenvolvimento da hotelaria, do turismo, do entretenimento e do setor de alimentação fora do lar.

A expansão do número de hotéis internacionais, steakhouses e restaurantes de alto padrão vem alterando o perfil de consumo de proteínas animais no país. Em grandes centros urbanos como Riade e Jeddah, o consumo alimentar passou a incorporar experiências gastronômicas associadas a lazer, entretenimento e estilo de vida, ampliando a demanda por cortes bovinos premium e produtos de maior valor agregado.

Esse movimento também é impulsionado pelo crescimento da população expatriada de alta renda, cujo consumo anual médio de carne bovina supera em cerca de 15 quilos o da população saudita. Além da forte presença no segmento de alimentação fora do lar, esse público sustenta elevado consumo doméstico de carne bovina, favorecendo as vendas em supermercados premium, açougues especializados e canais de varejo voltados ao público internacional.

O mercado saudita de carne bovina apresenta segmentação clara entre preço e percepção de valor

O mercado saudita de carnes bovina apresenta forte segmentação entre diferentes faixas de preço, canais de consumo e percepção de valor. Dados de importação de 2024 mostram diferenças expressivas entre os principais fornecedores do Reino, tanto em volume quanto em valor médio por quilograma.

Austrália e Nova Zelândia ocupam posição consolidada nos segmentos de maior valor agregado, especialmente em carnes bovinas resfriadas sem osso. Em 2024, os cortes resfriados desossados neozelandeses alcançaram valor FOB médio de US\$ 17,03/kg no mercado saudita, enquanto os australianos atingiram US\$ 15,11/kg. Esse posicionamento reflete não apenas características do produto, mas também décadas de investimentos em marca, rastreabilidade, padronização e associação da carne oceânica à experiência gastronômica premium.

Na outra ponta do mercado, a carne bubalina indiana mantém forte presença nos segmentos de menor preço e grande volume. Em 2024, a Índia exportou mais de 57 mil toneladas de cortes bubalinos congelados sem osso para a Arábia Saudita, com preço FOB médio de US\$ 3,42/kg. O produto atende principalmente canais mais sensíveis ao custo.

Os dados também revelam nichos específicos. Embora a carne bubalina indiana congelada apresente preços significativamente inferiores aos da carne bovina brasileira, os cortes bubalinos indianos resfriados sem osso alcançaram valor FOB médio de US\$ 5,43/kg em 2024, acima da média brasileira para cortes bovinos resfriados sem osso, de US\$ 5,28/kg.

Fenômeno semelhante pode ser observado nas exportações paquistanesas. Os cortes bovinos resfriados sem osso provenientes do Paquistão atingiram US\$ 6,12/kg no mercado saudita, valor superior ao produto brasileiro equivalente. Nesse caso, os preços parecem refletir o abastecimento de nichos regionais específicos, associados ao consumo de carne fresca halal por comunidades expatriadas do Sul da Ásia e canais de distribuição baseados em proximidade logística e afinidade cultural.

O Brasil ocupa posição distinta nesse mercado. A carne bovina brasileira consolidou presença relevante na Arábia Saudita pela elevada disponibilidade exportadora, competitividade comercial e capacidade de abastecimento contínuo em múltiplos segmentos de consumo.

O perfil de grande fornecedor global tende a pressionar os preços médios brasileiros para baixo, uma vez que o mercado frequentemente associa a carne brasileira à escala e ampla disponibilidade de produto. De forma oposta à Oceania, que atua de forma mais concentrada em nichos de maior valor, o Brasil atende simultaneamente diferentes faixas de mercado, canais de distribuição e perfis de consumo.

Fica evidente, portanto, que a oportunidade brasileira na Arábia Saudita está na busca pela transformação de presença comercial em percepção de valor. O caso da carne de frango brasileira, por exemplo, demonstra que estratégias coordenadas de promoção setorial e fortalecimento de marca podem alterar significativamente a percepção local sobre produtos agropecuários brasileiros ao longo do tempo.





Tensões logísticas pressionam carnes premium da Oceania

A atual conjuntura geopolítica adicionou novos fatores de pressão ao mercado premium de carne bovina no Oriente Médio. As tensões no entorno do Golfo vêm elevando custos logísticos, prêmios de seguro marítimo e riscos operacionais.

O impacto tende a ser mais sensível sobre carnes bovinas resfriadas de maior valor agregado, segmento fortemente dependente de previsibilidade logística, estabilidade operacional e menor tempo de trânsito para manutenção da qualidade do produto.

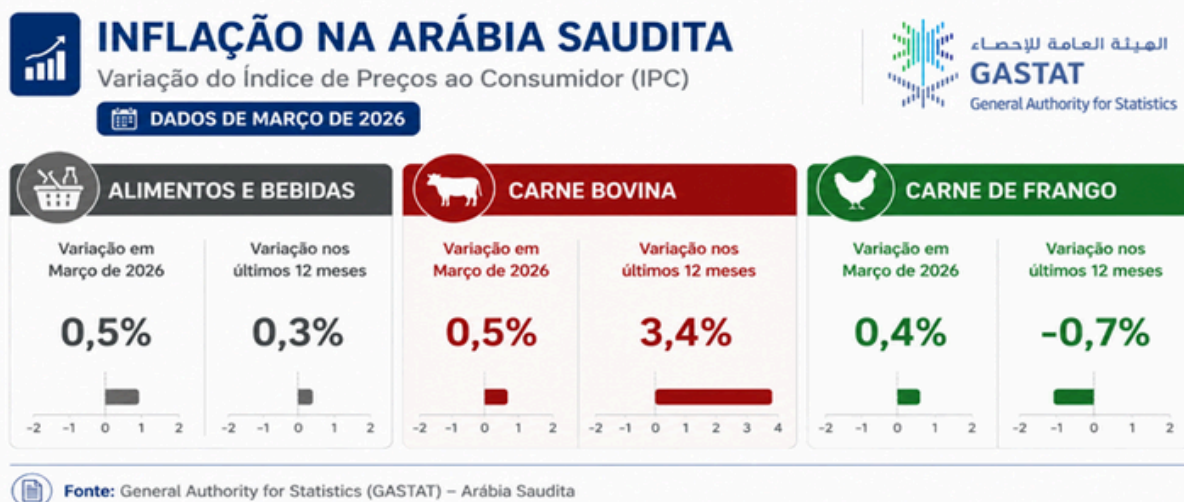
Embora o cenário não tenha provocado ruptura de abastecimento, importadores sauditas passaram a demonstrar maior atenção à regularidade de fornecimento, previsibilidade de custos e diversificação de origens.

A reorganização do comércio global cria riscos e oportunidades para a carne brasileira

Paralelamente às tensões logísticas no Oriente Médio, o mercado internacional de carne bovina deve passar por nova reorganização ao longo do segundo semestre de 2026. A China implementou, no início do ano, um sistema de salvaguardas e limites quantitativos para importações de carne bovina aplicado a grandes fornecedores internacionais, incluindo Brasil, Austrália e Argentina. O Brasil deve atingir sua cota em junho, enquanto a Austrália também se aproxima rapidamente de seu limite de exportação para o mercado chinês.

Caso esses limites sejam efetivamente alcançados ainda durante o primeiro semestre, parte dos volumes anteriormente destinados à China poderá ser redirecionada para mercados alternativos. Esse movimento tende a ampliar a concorrência internacional em mercados importadores relevantes, incluindo o Oriente Médio, especialmente em países com forte crescimento do consumo e elevada dependência de importações, como a Arábia Saudita.

Ao mesmo tempo, o aumento dos custos logísticos internacionais deve contribuir para o aumento do preço dos alimentos nos próximos meses. Dados da General Authority for Statistics (GASTAT) mostram que os preços da carne bovina registraram alta de 0,5% em março de 2026 frente ao mês anterior e acumulavam avanço de 3,4% em doze meses. No mesmo período, os preços da carne de frango apresentaram retração anual de 0,7%, indicando comportamento distinto entre as duas proteínas.



Esse cenário cria forças simultaneamente inflacionárias e deflacionárias sobre o mercado saudita de carne bovina. De um lado, o aumento dos custos logísticos e operacionais tende a pressionar preços no mercado internacional. De outro, a possível redistribuição global de volumes originalmente destinados à China pode ampliar a concorrência entre exportadores e limitar repasses adicionais de preços no mercado saudita.

Nesse cenário, ampliar rapidamente os volumes exportados para a Arábia Saudita pode representar risco adicional de pressão sobre preços em um mercado no qual a carne brasileira já possui ampla presença comercial. Um eventual redirecionamento desordenado de volumes poderia reforçar a percepção histórica da carne bovina brasileira como produto associado prioritariamente à escala e competitividade de preço.

O contexto, portanto, cria oportunidade para o aumento gradual da percepção da carne bovina brasileira junto a importadores, restaurantes e consumidores sauditas, especialmente em um ambiente de maior preocupação com regularidade de abastecimento, previsibilidade logística e estabilidade comercial.

O atual contexto favorece estratégias de valorização da carne brasileira no mercado saudita

O Brasil possui atualmente 148 estabelecimentos habilitados a exportar carne bovina para a Arábia Saudita, número superior ao da Austrália, com 101 plantas autorizadas, da Nova Zelândia, com 55, da Índia, com 37, e do Paquistão, com 17. Essa elevada capilaridade amplia significativamente a capacidade brasileira de abastecimento contínuo do mercado saudita, atributo relevante em um momento de maior volatilidade logística internacional. Ao mesmo tempo, porém, a ampla disponibilidade exportadora também aumenta o risco de pressão adicional sobre preços.

Nesse contexto, o posicionamento da carne bovina brasileira no mercado saudita dependerá da capacidade do setor exportador de consolidar estratégias de diferenciação, promoção comercial e valorização da marca “Brazilian Beef” junto a importadores, restaurantes e consumidores locais. O desafio estratégico brasileiro está na redução da distância de percepção de valor entre a carne bovina brasileira e os segmentos considerados superiores pelo consumidor saudita.

Embora esse movimento ainda seja inicial, restaurantes e estabelecimentos especializados já começam a destacar a origem brasileira da carne bovina junto ao consumidor local. O processo ainda é pontual, mas indica avanço importante para o fortalecimento da imagem do Brasil como fornecedor de carne de qualidade, movimento semelhante ao já observado com o frango brasileiro no mercado saudita.



4. Cardápio de casa de carnes local destacando a origem da carne bovina brasileira.

5. Placa em restaurante local destacando a origem do frango brasileiro e da carne bovina australiana.